

ESTRATÉGIAS DE LEITURA, ESCRITA E ALFABETIZAÇÃO

READING, WRITING AND LITERACY STRATEGIES



SANDRA APARECIDA OLIVEIRA DO CARMO

Graduação em Pedagogia, pela Faculdade: Estácio Uniradial, em 2015; Pós-Graduação em Educação a Distância, pela Faculdade Campos Elíseos, em 2019; Professora de educação infantil no CEI Parque Cocaia.

RESUMO

Esse artigo visa destacar as estratégias de leitura, escrita e alfabetização. O momento da leitura é um momento de interação, de troca, de compartilhar, mas, ler e a leitura são atos vazios de significados, se nesse processo não consideramos o leitor e o texto, pois, é o leitor quem constrói significado de um texto por meio da leitura já que relaciona conteúdos, ativa conhecimentos pré-existentes e abre o olhar para novas possibilidades. O diálogo estabelecido entre leitor e texto é motivado por algo exterior, tais como, devanear, entreter-se; informar-se; seguir uma pauta de instruções para realizar uma determinada atividade, ou seja, para que exista a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto, é necessário um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre que lemos algo, lemos por uma finalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Estratégia; Alfabetização.

ABSTRACT

This article aims to highlight reading, writing and literacy strategies. Reading is a moment of interaction, exchange and sharing, but reading and reading are empty acts of meaning if we don't consider the

reader and the text in this process, because it is the reader who constructs meaning from a text through reading, since they relate content, activate pre-existing knowledge and open their eyes to new possibilities. The dialogue established between reader and text is motivated by something external, such as daydreaming, being entertained; being informed; following a set of instructions to carry out a certain activity, in other words, for there to be an active reader who processes and examines the text, an objective is needed to guide the reading; in other words, whenever we read something, we read for a purpose.

KEYWORDS: Reading; Strategy; Literacy.

INTRODUÇÃO

A leitura é um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita, sendo o leitor um sujeito ativo que interage com o texto porque busca algo nele. Portanto, quando pensamos na leitura com finalidade pedagógica, só podemos dizer que ela foi eficiente se resultar em aprendizagem significativa, para tanto, como dito anteriormente, deve-se existir um objetivo.

Porém para alcançar o objetivo de uma leitura, é necessário que se crie algumas estratégias. Para Koch (2007 c) a leitura de um texto exige muito mais que o conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores, pois, exige-se que o leitor mobilize inúmeras estratégias linguísticas e cognitivo-discursivas, a fim de levantar hipóteses, preencher lacunas apresentadas pelo texto; portanto, o leitor nesse processo é ativo, autor e leitor devem ser vistos como estrategistas na interação pela linguagem, pois, ambos estão construindo um diálogo em que o leitor está diante de palavras escritas por um autor que não está presente para completar as informações.

Portanto, ao ler, começamos a interagir com o texto quando acionamos os conhecimentos prévios de que dispomos, sejam sobre o mesmo assunto ou de algo que nos parece relacionado, de modo que possamos atribuir significados às palavras, às frases e aos parágrafos que lemos. Os nossos conhecimentos prévios serão confirmados ou refutados durante a leitura. Nesse processo, relacionamos as novas informações ao repertório que já dispomos, ampliando-o e/ou transformando-o qualitativamente.

O tema tratado é complexo e para que compreendemos um pouco mais a respeito da alfabetização, letramento e a importância da leitura, foi feita uma abordagem por meio de pesquisa bibliográfica e internet, para facilitar um pouco mais a visão sobre o tema.

PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

A leitura e a escrita estão presentes nessa sociedade e é um meio de melhor compreendê-la. Por meio de diversos meios de informação e conhecimento, adquirimos saberes necessários para podermos além de pertencer, participar de uma sociedade e assim, contribuir para o seu

desenvolvimento e avanço.

Segundo Freire (1982, p.23):

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. [...] Linguagem e realidade se aprende dinamicamente. [...] A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela (FREIRE, 1982, p. 23).

A leitura e a escrita fazem parte de nossas vidas antes mesmo de nos apropriarmos delas, e com elas convivemos e nos relacionamos com a sociedade.

A Alfabetização, por muitos anos, foi entendida apenas como a decifração do código. Esse limitado e simplista entendimento do que seria Alfabetização, era o que determinava quando a pessoa era alfabetizada ou analfabeta.

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania (SOARES, 2004 apud BRILHANTE, 2010, p. 07).

Faz-se necessário novas práticas de ensino nas escolas, onde os alunos não apenas se apropriem do código, realizando leituras e escritas mecânicas, mas um ensino significativo, que permita ao aluno entender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

Os alunos devem ser estimulados a pensar, a se comunicar, a sentir, a correr atrás de seus objetivos, sonhos e direitos, e o mundo da escrita oferece esses estímulos.

Ao chegar à escola, a criança já tem um repertório de conhecimentos adquiridos cotidianamente, cabe a instituição escolar dar continuidade a este processo, promovendo uma aprendizagem significativa das diversas funções da leitura e escrita.

Por fim, ao ler, vamos realizando uma grande quantidade de operações mentais, de modo que possamos continuar a leitura. Em alguns momentos, a durante a leitura, podem surgir obstáculos. Daí a importância das estratégias de leitura para tornar o processo de ler em algo que nos cause a satisfação de objetivo alcançado.

O ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor, por meio das quais ele extrai informações. Segundo Koch (2005), a mobilização desses conhecimentos por ocasião do processamento textual realiza-se por meio de estratégias de diversas ordens:

- *Cognitivas: inferências, focalização, a busca de relevância.*
- *Sociointeracionais: preservação das faces, polidez, atenuação, atribuição de causas a (possíveis), mal-entendidos etc.;*
- *Textuais: conjunto de decisões concernentes à textualização, feitas pelo produtor do texto, tendo em vista seu “projeto de dizer” (pistas, marcas, sinalizações).*

Segundo Valls (1990, apud SOLÉ, 2008, p. 69), a estratégia é uma forma de “regular a atividade das pessoas, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta que se propõe”.

Assim, de acordo com Scott (apud KATO, 2007, p. 131), se organizássemos as estratégias de forma de máxima teríamos:

I Estratégias cognitivas:

1. Pressupõe que o texto apresenta ordem canônica.
2. Pressupõe que o texto seja coerente.

II Estratégias metacognitivas:

1. Explícite claramente seus objetivos para a leitura. Exemplos:
 - Procure o tema do texto.
 - Analise a consistência interna do texto.
 - Compare o que texto diz com o que você sabe sobre o assunto e veja se as duas informações são coerentes etc.
2. Monitore sua compreensão tendo em mente esses objetivos.

Assim, as estratégias cognitivas “munem o leitor de procedimentos altamente eficazes e econômicos, responsáveis pelo processamento automático e inconsciente”, enquanto, as estratégias metacognitivas “orientam o uso dessas estratégias para desautomatizá-los em situações problemas.” (KATO, 2007, p. 135)

Entretanto, para Solé (2008, p.69-70),

Estratégias de compreensão leitora são procedimentos de caráter elevado, as quais envolvem a presença de objetivos a serem realizados e o planejamento das ações que são desencadeadas para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança.

Ou seja, uma das características das estratégias consiste no fato de não prescreverem totalmente o curso de uma ação, elas são suspeitas inteligentes, embora, arriscadas, sobre o caminho mais adequado que se deve seguir. Então, ao ensinar estratégias de leitura em sala de aula, deve-se ter em mente que as técnicas que não são como receitas infalíveis na construção de um aluno-leitor proficiente, mas auxiliam o aluno a alcançar os objetivos propostos. Dessa forma, as estratégias de compreensão e de interpretação representaram a possibilidade de proporcionar meios de amadurecimento e autonomia para o leitor em formação, prioridade da prática pedagógica, porém, deve-se ser consciente das dificuldades inerentes ao processo, mas certos da capacidade de transformação nele contida.

O PROFESSOR E A MOTIVAÇÃO PELA LEITURA

A leitura é essencial em qualquer área do conhecimento e por esse motivo deve ser sempre repensada e refletida com o intuito de ser melhorada, tornando-se prazerosa, reflexiva e significativa, tornando-se então o mais interessante possível para as crianças, criando dessa forma, o hábito de escutar e ler os mais variados textos, agindo como instrumento significativo na vida cotidiana.

Para Solé (2008), poder ler e compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos, de maneira a contribuir de forma decisiva para autonomia das

peçoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. Porém, para alcançar esse objetivo, é necessário que o professor tenha claro as estratégias de leitura que serão necessárias para o processo.

Ainda, Solé (2008) ressalta que a maior parte das atividades escolares é voltada para avaliar a compreensão da leitura dos alunos e não para o ensino de estratégias que formem o leitor competente. Portanto, o trabalho com a leitura em sala de aula é apresentado pela autora consiste em três etapas de atividades com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura.

Muito já se equivocou ao analisar a fala em relação às normas codificadas pela gramática, pois tanto a fala quanto a escrita devem ser observadas como metodologias e categorias de análise adequadas.

De acordo com Marcuschi (2007, p. 16):

As línguas se fundem em usos e não o contrário. Assim, não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso.

O professor pode gerar essa motivação pela leitura quando aborda aspectos da vida do autor, proporcionando ao aluno uma intimidade, uma forma de fazer com que o aluno tome parte da vida e identifique-se com esse alguém, reconhecendo em sua vida aspectos semelhantes à sua e/ou admirando características que julgue importante. Outro ponto importante para a motivação é a descrição do gênero literário que irá ler, mostrando sua história e formação durante o tempo. Porém, nada disso vale, se falta no professor o gosto pela leitura.

Segundo Manguel o livro *Uma história da leitura* (2001), desde os tempos primórdios as palavras, que eram escritas em tabuletas, destinavam ser a serem lidas em voz alta. A leitura quieta, silenciosa, era algo fora do comum e tornou-se usual somente no século X, no Ocidente.

Manguel (2001, p.37) afirma que:

Em algumas diferentes culturas, desde a Idade Média até os dias de hoje, a compreensão plena de textos, geralmente os sagrados, não exigiam apenas os olhos, mas também o resto do corpo, um ritmo, onde corpo e mente, enquanto processam a realidade física dos sons, “falam”, expressam-se.

O autor explicita que, como as leituras eram feitas em voz alta, a escrita que compunha os livros, não precisava ser separada por unidades fonéticas, assim, as palavras eram amarradas juntas, em frases contínuas.

É possível corroborar tais fatos as ideias de Isabel Solé, no livro *“Estratégias de leitura”*, (1998), no qual enfatiza, que atualmente *“ler para praticar a leitura em voz alta”* é um objetivo muito frequente do ensino de leitura, e que raramente pode ser exercitado fora da escola. Geralmente pretende-se com tal atividade que os alunos leiam com *“clareza”*, pronunciando adequadamente, respeitando as normas de pontuação e com a entonação desejada. Porém, para que isso aconteça, é objetivo primordial que o aluno tenha feito uma leitura antes e compreendido o *“texto nunca lerá em voz alta em texto para o qual não se disponha de uma compreensão”* (Solé 1998, p. 97)

Para a autora, ler para comunicar um texto a outras pessoas é um recurso de leitura próprio

de grupos de atividades. O objetivo dela é que as pessoas para a qual você se dirige compreendam a mensagem. Mas para que ela seja compreensível aos outros é preciso que o leitor utilize alguns recursos, próprios desse tipo de texto: entonação, pausas, exemplos não lidos, ênfase em determinados aspectos, entre outros.

Percebe-se que a leitura e a escrita estão interligadas, de forma que ao ler o indivíduo treinará a escrita por meio da oralidade, mas para que isso aconteça é necessário se trabalhar com estratégias diversas.

De acordo com Rezende (2001, p.12):

Diante de inúmeras externalidades positivas que a educação pode promover na sociedade, sua produção pelo governo com caráter gratuito ou subsidiado se torna extremamente necessária. (REZENDE, 2001, p.12).

Por meio de programas governamentais de incentivo à leitura, as pessoas ampliam seus conhecimentos, dando mais significado aos textos, noticiários diversos, refletindo a respeito da atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, há uma quantidade significativa de exigências que cercam as pessoas. Para conseguir um bom emprego, que ofereça boas condições de trabalho e salário, é exigido que a pessoa tenha criatividade, proponha soluções, seja dinâmica e participativa, entre outras coisas mais. Todas essas exigências criam a necessidade de uma maior participação social, uma maior compreensão da sociedade e de seu funcionamento.

A leitura e a escrita estão presentes nessa sociedade e é um meio de melhor compreendê-la. Por meio de diversos meios de informação e conhecimento, adquirimos saberes necessários para podermos além de pertencer, participar de uma sociedade e assim, contribuir para o seu desenvolvimento e avanço.

Ao chegar à escola, a criança já possui conhecimentos prévios de acordo com seu cotidiano, cabendo a escola dar continuidade ao desenvolvimento desses conhecimentos, promovendo uma aprendizagem significativa das diversas funções da leitura e escrita.

Para que a alfabetização se torne significativa as crianças devem receber os mais variados estímulos, por meio de estratégias de leitura que fazem parte do seu cotidiano.

O professor deve auxiliar e estimular seus alunos a compreenderem que cada texto tem um objetivo, se apresentando em situações diversas de comunicação.

A leitura abre as portas ao conhecimento, tornando-se um corrimão para o educando, auxiliando a estabelecer valores que utilizará ao longo de sua vida e durante seu cotidiano.

Nota-se que a leitura é um meio de compreensão, abrindo caminhos para o conhecimento, criticidade e liberdade, tornando-se significativa no processo ensino aprendizagem, fundamentalmente

na alfabetização.

Se o objetivo que se possui, ao ensinar a língua oral, é o de propiciar aos alunos o falar com desenvoltura, permitindo-lhes expor suas ideias sem inibição, seja declamando, dramatizando, contando histórias ou entrevistando, esse resultado só é alcançado se for ensinada uma coisa de cada vez, com planejamento de todas as etapas do trabalho, acompanhamento e avaliação do processo.

Importante salientar que é um equívoco se pensar que, pela razão de os alunos já dominarem a fala muito antes da idade escolar não mais é necessário ensinar outros usos e formas de linguagem oral. O domínio de um único gênero oral não significa que os demais também já estejam dominados. Saber expor um assunto para uma plateia não significa saber participar de um debate público. As competências exigidas para uma e outra situação não são as mesmas. Assim, o trabalho com a linguagem oral precisa selecionar os gêneros orais para cada série, de forma que os alunos conheçam tais gêneros um a um, em situações em que lhes sejam propiciados a construção social do sentido e das significações pessoais.

Durante esse artigo fez-se presente situações que fazem parte do nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRILHANTE, L. H. A. A. **Alfabetização e Letramento: por uma proposta didática para alfabetizar letrando**. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação, 2010, Teresina.

CARRERA, Gabriela. (Org.) **Dificuldades de aprendizagem: Detecção e estratégias de ajuda**. Brasil: Cultural, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O.; AQUINO, Zilda G. O. de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 15ª ed. São Paulo, Cortez, 2004.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. Ed. São Paulo, Ática, 1984.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org); DIONISIO, Ângela Paiva (Org). **Fala e Escrita** – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria N.; CURY, Maria Z. **Tipos de textos, modos de leitura**. 2 ed. São Paulo: Editora Formato, 2001.

PIRES, Luciane P. **Estratégias de interação no texto escrito: perspectivas para o ensino da leitura**. 2004. 128 f. Tese (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, (1998)

PRETI, Dino (org), **Estudos da língua falada: variações e confrontos**. 2.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/ESP, 1999.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto alegre: Artmed, 1998.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das letras, 2004.

WEISZ. Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2ªed. São Paulo: Ática, 2009.